

Prólogo

ESPARTA

INVERNO DE 451 A.C.

Por sete verões eu carreguei um segredo dentro de mim. Uma chama, calorosa e verdadeira. Ninguém mais podia vê-la, mas eu sabia que estava lá. Quando eu olhava para minha mãe e meu pai, sentia que ela brilhava mais forte. E, quando observava meu irmãozinho, percebia seu calor em todas as partes do meu corpo. Um dia ousei descrever aquela sensação para minha mãe.

— Você fala de amor, Cassandra — sussurrou ela, seus olhos inquietos como se temesse que alguém pudesse ouvir. — Mas não o tipo que um espartano conhece. Espartanos devem amar apenas a terra, o estado e os deuses. — Ela apertou minhas mãos e me obrigou a fazer um juramento. — Nunca revele seu segredo para ninguém.

Em uma noite de inverno no meio de uma forte tempestade, nós estávamos sentados juntos em volta da lareira de nossa casa, em frente a um fogo crepitante, o jovem Alexios nos braços de nossa mãe, eu sentada aos pés de nosso pai. Talvez nós quatro carregássemos aquela mesma chama dentro de nós. Era reconfortante acreditar nisso, pelo menos.

E então nosso santuário caloroso e tranquilo foi penetrado pelo som de unhas arranhando a porta.

A respiração lenta e constante do meu pai parou. Minha mãe puxou o pequeno Alexios para o peito e encarou a porta como se só ela pudesse ver um demônio parado nas sombras.

— Está na hora, Nikolaos — gritou uma voz que lembrava um pergamino crepitante, do lado de fora.

Meu pai se levantou, jogando seu manto vermelho-sangue sobre o corpo musculoso, sua barba preta espessa escondendo qualquer expressão em seu rosto.

— Espere só mais um pouco — implorou minha mãe, se erguendo também e esticando o braço para acariciar seus longos cachos escuros.

— Para que, Myrrine? — retrucou ele, empurrando a mão dela. — Você sabe o que tem que acontecer esta noite.

Então ele girou na direção da porta, agarrando sua lança. Vi a porta se abrir com um rangido, a chuva gelada castigando meu pai ao sair. O vento uivou e trovões rugiram no céu enquanto saíamos atrás dele — pois meu pai era o nosso escudo.

E então eu os vi.

Eles estavam virados em nossa direção, em um arco como o de uma foice. Os sacerdotes, de peito nu, usavam coroas de flores na cabeça. Os éforos de túnicas cinzentas — homens mais poderosos que até mesmo os dois reis de Esparta — seguravam tochas que cuspiam e rugiam na tempestade. Os cabelos grisalhos e longos do éforo mais velho sacudiam ao vento, o topo calvo de sua cabeça cintilando à luz da lua enquanto ele nos contemplava com olhos vermelhos, seus velhos dentes enfileirados em um sorriso perturbador. Ele virou de costas, silenciosamente nos convocando a segui-lo. Nós os seguimos pelas ruas de Pitana — meu lar e uma das cinco aldeias sagradas de Esparta —, e eu já estava completamente encharcada e congelando antes mesmo de alcançarmos os arredores da vila.

Os éforos e os sacerdotes seguiram marchando pela Terra Baixa, zumbindo e cantarolando para a tempestade enquanto se moviam. Eu usava minha meia-lança como meu pai usava a sua, como uma bengala, a parte cega esmagando ruidosamente o xisto a cada passo. Uma inquietação estranha percorria meu corpo só de segurar a lança quebrada: um dia ela havia pertencido ao Rei Leônidas — o rei-campeão de Esparta há muito falecido. Toda alma na Lacônia venerava nossa família porque o sangue de Leônidas corria em nossas veias. Minha mãe era de sua linhagem, e, por conseguinte, eu também era, assim como Alexios. Nós éramos os descendentes do grande homem, o herói dos Portões Quentes. Mas era meu pai o meu verdadeiro herói: quem me ensinava a ser forte e ágil — tão brava quanto qualquer garoto espartano. Apesar disso, ele nunca me ajudou a desenvolver a força mental de que eu precisaria para o que vinha pela frente. Existiria, em toda Hellas, algum tutor que pudesse me ajudar?

Nós pegamos um caminho sinuoso subindo uma montanha na direção das paredes cinzentas do Monte Taigeto, marcadas por desfiladeiros bruscos, seus cumes elevados cobertos de neve. Não havia nada em nossa estranha jornada que fizesse sentido. Algo parecia muito errado. As coisas estavam assim desde que minha mãe e meu pai tinham viajado para Delfos no outono para falar com o Oráculo. Eles não compartilharam comigo as palavras da venerada profetisa, mas o que quer que ela tenha lhes dito devia ser desolador: meu pai estava tenso desde então, irritável e distante; minha mãe parecia à deriva a maior parte do tempo, seus olhos vidrados.

Naquele momento, ela andava com os olhos fechados por longos períodos, a chuva correndo como riachos por suas bochechas. Ela abraçava Alexios com força, beijando o pequeno embrulho de trapos a cada poucos passos. Quando viu meu olhar ansioso em sua direção, ela engoliu em seco e me entregou a trouxinha.

— Carregue seu irmão, Cassandra... — falou ela.

Eu prendi a meia-lança ao meu cinturão, segurei Alexios e o mantive perto do meu peito enquanto subíamos pela trilha, agora extremamente íngreme. O trovão encontrou sua voz, ribombando em algum lugar próximo, e raios cortaram o céu. A chuva se transformou em gelo e eu criei uma pequena cobertura com a beira do cobertor de Alexios para manter seu rosto seco. Sua pele — perfumada com óleo adocicado e o aroma reconfortante do cobertor de lanugem — estava tão quente contra o meu rosto congelado. Suas mãos fracas roçavam o meu cabelo. Ele balbuciava e eu arrulhava em resposta.

Finalmente chegamos a um platô. No lado oposto ficava um altar de mármore de veios azuis, marcado pelo clima e pelos anos. Uma vela derretia ali, ao lado de um pote de óleo, uma jarra de vinho misturado com chuva congelada e um prato de uvas.

Minha mãe parou com um choro engasgado.

— Myrrine, não seja tão fraca — disse meu pai, perdendo a paciência. Eu podia sentir um fogo se erguendo dentro dela.

— Fraca? Como você pode me chamar de fraca? É preciso coragem para confrontar os seus verdadeiros sentimentos, Nikolaos. Homens fracos se escondem atrás de máscaras de bravura.

— Esse não é o modo de Esparta — rosnou meu pai.

— Juntem-se diante do altar — disse um dos sacerdotes, seu peito magro coberto de gelo derretido.

Eu não gostava da visão daquela mesa antiga... nem da beira do platô ou do abismo escuro como a noite que espreitava além dela — um poço de sombras mergulhando nas entranhas da montanha.

— Agora, a criança — disse o éforo mais velho, seu aro de cabelos dançando ao vento, seus olhos como carvão em brasa. Ele esticou as mãos ossudas na minha direção e então eu entendi, um manto sombrio de percepção se acomodando sobre meus ombros. — Entregue o menino — repetiu ele.

Meu palato ardia com o pavor, toda a umidade da boca desapareceu em um piscar de olhos.

— Mãe? Pai? — implorei aos dois, um de cada vez.

Minha mãe deu um passo na direção de meu pai, colocando a mão suplicante em seus ombros largos. Mas ele ficou parado ali, impassível, como uma estrutura de pedra.

— O Oráculo se manifestou — gereram os sacerdotes em uníssono. — Esparta cairá... a não ser que o menino caia em seu lugar.

O horror tomou conta de mim e segurei o pequeno Alexios com força, dando um passo para trás. Meu irmãozinho era saudável e forte — não havia justiça em condená-lo ao destino cruel que se abatia sobre bebês espartanos fracos ou deformados. Foi isso o que o Oráculo decretou na viagem que meus pais fizeram para vê-la? Quem era ela para condená-lo dessa forma? Por que meu pai não estava cuspidando nessa ordem nefasta, sacando sua lança contra esses velhos homens deploráveis? E quando ele acabou agindo foi apenas para empurrar minha mãe para longe, jogando-a no chão como um trapo.

— Não... não! — Minha mãe chorava enquanto dois sacerdotes a afastavam. — Nikolaos, por favor, faça alguma coisa.

Meu pai olhava para o infinito.

Um dos sacerdotes se aproximou de mim por trás, me segurando pelos ombros. Um segundo arrancou Alexios dos meus braços e entregou o pequeno embrulho ao éforo mais velho, que segurou meu irmão como um tesouro:

— Poderoso Apolo, aquele que oferece a verdade, Atena Poliachos, Grande Protetora, olhai por nós, que nos curvamos à sua vontade, humildes, gratos por sua sabedoria. Agora... o menino morrerá.

Ele ergueu Alexios sobre a cabeça, passando pelo altar e seguindo até a beira do abismo.

Minha mãe caiu sobre os joelhos com um choro abafado que partiu meu coração.

Enquanto o corpo do éforo ficava tenso, se preparando para arremessar meu irmão para sua morte, um relâmpago cortou o céu, sincronizado com um rugido monstruoso de trovão. Foi como se o raio tivesse me atingido: eu senti a mais tremenda descarga de energia e injustiça. Gritei com toda a minha força, me desvencilhando das mãos do sacerdote que me imobilizava. Disparei como uma velocista, desesperada, enlouquecida, braços esticados na direção do meu irmão. O tempo desacelerou. Meu olhar cruzou com o de Alexios. Se pudesse ter capturado aquele momento em âmbar e vivido ali por toda a eternidade, eu teria feito isso — nós dois vivos, conectados. E naquele instante eu ainda tinha a esperança de pegá-lo, de impedir sua queda. Até que dei um passo em falso, tropecei e senti meu ombro atingir a lateral do corpo do velho éforo deplorável. Ouvi uma série de engasgos, vi o éforo se debatendo, observei enquanto caía da beira do abismo... com Alexios nos braços.

Os dois mergulharam na escuridão, o grito do éforo se dissipando como o guincho de um demônio.

E então... silêncio.

Caí sobre os joelhos à beira do precipício, tremendo, enquanto blasfêmias maníacas se erguiam atrás de mim.

— Assassina! Ela matou o éforo!

Encarei o abismo, perplexa, a chuva congelada batendo em meu rosto.

I

Água escorria por suas bochechas. Por trás dos olhos fechados, ela ouviu e viu tudo aquilo novamente com uma claridade vívida e terrível. A linhagem de Leônidas desonrada, maculada. Vinte anos eram o suficiente para algumas pessoas esquecerem suas dívidas, aceitarem seus defeitos ou se reconciliarem com o passado.

— Não para mim — sussurrou Cassandra, a lança quebrada reverberando em suas mãos.

Ela espetou a arma na areia ao seu lado, com força, e as lembranças se esvaíram.

Seus olhos se abriram lentamente, se ajustando ao brilho forte da manhã de primavera. As águas cerúleas que envolviam a costa leste de Cefalônia cintilavam como uma bandeja de joias. As ondas corriam até a areia, se desfazendo em um gorgolejo delicado e refrescante que se estendia até onde Cassandra estava sentada e deslizava sobre seus pés descalços. Os borrifos de sal vinham em nuvens suaves, se condensando e refrescando sua pele. Gaivotas voavam e guinchavam no céu sem nuvens, enquanto um cormorão mergulhava nas águas em uma explosão de gotas cristalinas. Seguindo para leste, perto do horizonte enevoadado, galés atenienses se moviam em um comboio infinito. Elas eram como sombras, deslizando pelo azul-escuro das águas profundas na direção do Golfo de Corinto para auxiliar no bloqueio de Mégara. As velas brilhantes se estufavam como os pulmões de titãs, e de vez em quando o vento do mar carregava o gemido de cordas e toras de madeira e os gritos guturais dos muitos guerreiros a bordo. Mais cedo naquele mesmo ano, a própria Cefalônia tinha sido incorporada à esfera ateniense, assim como havia acontecido com a maioria das ilhas. E, assim, a guerra crescia como um cancro. Uma pequena voz dentro de Cassandra dizia que ela deveria se importar com a luta colossal que se espalhava por toda Hellas, agitando o grande caldeirão de ideologias e fomentando disputas entre cidades que

um dia foram aliadas. Mas como poderia fazer isso? Ela não se importava com a orgulhosa Atenas. E, do outro lado... a inabalável Esparta.

Esparta.

O mero pensamento estilhaçava o delicado idílio da costa. Ela olhou de soslaio para a velha meia-lança de Leônidas. A ponta de ferro ornamentada, os detalhes complexos no cabo e a haste desgastada e desbotada por anos de manutenção. Sempre lhe pareceu adequado que a única coisa que havia sobrado de seu passado difícil fosse um objeto quebrado.

Um guincho estridente invadiu seus pensamentos e a fez olhar para cima a tempo de ver o cormorão emergir das águas com uma cavala prateada em seu bico; mergulhando em sua direção, vinha uma águia-gritadeira. O cormorão guinchou novamente, apavorado, soltou seu prêmio parcialmente mastigado e então mergulhou sob as ondas para se proteger. A águia tentou apanhar o cadáver do peixe com suas garras, mas sua refeição também acabou levada pelo mar. Com um poderoso e desolado berro, a enorme ave deu uma volta e planou na direção da praia, pousando com uma corrida suave sobre a areia e parando ao lado de Kassandra. Ela sorriu involuntariamente, pois a maldita lança não era a única coisa que restava do passado.

— Nós já falamos sobre isso, Ikaros. — Ela riu. — Você deveria trazer uma cavala para eu assar para a minha refeição da tarde.

Ikaros a encarou, seu bico amarelo como um ranúnculo e seus olhos atentos lhe emprestando a expressão desaprovadora de um velho.

— Entendo. — Ela arqueou uma sobrancelha. — Foi culpa do cormorão.

A barriga de Kassandra roncou, lembrando-a das longas horas que tinham passado desde que comera pela última vez. Com um suspiro, ela arrancou a lança de Leônidas da areia. Por um instante viu seu reflexo sem brilho na lâmina. Rosto largo com pouco humor em seus olhos castanhos e uma trança espessa de cabelos avermelhados caindo sobre o ombro esquerdo. Ela vestia uma *exomis* marrom-escura — uma veste masculina presa sobre um dos ombros —, surrada e triste. Só de segurar a lança, as lembranças já voltavam à vida mais uma vez. Ela então prendeu a arma ao cinturão de couro, se levantou e virou de costas para o mar.

Mas algo chamou sua atenção, fazendo-a parar. Era uma coisa estranha — o tipo de coisa que se destaca por sua irregularidade, como um bêbado se comportando: ao longe, na bruma do mar, uma galé cortava as ondas. Uma de centenas, mas esse barco não estava contornando os promontórios distantes na direção do Golfo de Corinto. Em vez disso, seguia diretamente para Cefalônia. Cassandra estreitou os olhos e contemplou a vela branca — ou, mais especificamente, a cabeça de górgona com olhar fixo e assustador pintada nela. Era uma imagem horrível: lábios verde-acinzentados que se abriam para revelar presas, os olhos brilhando como carvão em brasa enquanto o ninho de cobras que servia como cabelo da criatura parecia se contorcer a cada lufada de vento que impulsionava as velas. Cassandra encarou aquela imagem aterrorizante por algum tempo, a lenda da Medusa se erguendo das profundezas da memória: uma mulher que um dia havia sido bela e forte, traída e amaldiçoada pelos deuses. Uma ponta de empatia se agitou dentro dela, como uma centelha de fogo. Mas havia algo mais; ela não via nenhum sinal da tripulação naquele barco estranho, mas tinha certeza de que estava sendo observada daquele convés. Por um instante, o frescor agradável dos borrifos do mar e do vento se tornaram importunos, assustadores.

Crianças espartanas nunca devem ter medo do escuro, do frio ou do desconhecido, entoou uma voz vinda de sua memória enterrada. A voz dele. Ela cuspiu na areia, virando de costas para o mar e para o barco estranho. As lembranças insultantes dos ensinamentos de seu pai eram tudo o que restava de sua família outrora orgulhosa. Comerciantes de passagem traziam com eles histórias desoladoras sobre a linhagem interrompida de Leônidas. Myrrine, desalentada, havia tirado a própria vida, diziam eles, levada à morte pela perda de não apenas um, mas de ambos os filhos. *Por causa do que fiz naquela noite*, Cassandra pensou.

Ela saiu da praia, caminhando por dunas e tufos de grama alta dobrados pelo vento, e subiu por uma trilha pedregosa. Isso a levou até uma pequena elevação com vista para a costa e ao abrigo simples de pedra que era o seu lar. As paredes revestidas de branco cintilavam na luz do sol, as hastes e os trapos amarrados que serviam como uma espécie de toldo rangiam e se debatiam no vento leve; a oliveira solitária farfalhava e balançava. Verdilhões bebericavam uma poça de água parada ao lado de

uma coluna de pedra quebrada, chilrando em uma cantoria. A algumas horas de caminhada da cidade litorânea de Sami, Cassandra poderia passar dias com pouco contato com transeuntes. *O lugar perfeito para uma mulher esgotar seus dias e morrer sozinha*, divagou ela. Então parou para se virar novamente na direção do mar, olhando para o borrão longínquo do continente. *Como as coisas poderiam ter sido, se perguntou, se o passado não tivesse sido tão cruel?*

Ela se virou novamente para seu lar, se curvando para entrar pela porta baixa, a brisa marítima constante se esgotando. Ela olhou para o aposento único à sua volta: uma cama de madeira, uma mesa, um arco de caça, um baú com coisas básicas — um pente de marfim quebrado e um velho manto. Não havia grades ao redor da costa de Cefalônia nem correntes nos punhos ou tornozelos de Cassandra, mas a pobreza era sua carcereira. Ninguém, a não ser os homens ricos da ilha, podia ao menos sonhar em ir embora.

Ela se sentou sobre um banco junto à mesa, servindo um copo de água de uma cratera de barro, então desfez o embrulho de couro que tinha preparado mais cedo. Um pão pequeno — duro como uma pedra —, uma tira do tamanho de um dedo de carne de lebre salgada e um vaso de barro contendo três azeitonas pequeninas estavam ali. Uma refeição patética. Sua barriga uivou em protesto, exigindo saber onde estava o resto.

Ela ergueu os olhos e encarou a janelinha nos fundos da casa, vendo o buraco recém-cavado no solo. Até ontem, seu poço de suprimentos continha dois sacos de trigo e uma lebre salgada inteira, uma rodela de queijo de cabra e uma dúzia de figos desidratados. Alimento suficiente para cinco ou seis dias. Mas então ela voltou da pescaria infrutífera a tempo de ver dois bandidos fugindo ao longe com sua comida. Eles tinham quase um quilômetro de vantagem em relação a ela, e Cassandra estava faminta demais para persegui-los, então foi dormir de barriga vazia. Distraída, ela passou o polegar pela lâmina da lança de Leônidas: perfeitamente afiada. Sentiu a camada externa da pele se abrir e sussurrou o nome de seu atual opressor — aquele que tinha enviado os ladrões.

— Que o fogo o amaldiçoe, Ciclope.

Voltando-se para sua refeição escassa, ela pegou o pão e o mergulhou em um pouco de óleo para amolecê-lo, então o levou até a boca. Um novo

ronco de barriga a fez parar — mas não vinha dela. Cassandra olhou para a porta. A menina parada ali olhava fixamente para o pão como um homem olharia para um colar de ouro.

— Phoibe? — chamou Cassandra. — Eu não vejo você há dias.

— Ah, não se preocupe comigo, Kass — disse Phoibe, examinando as unhas sujas de terra, colocando os cachos do cabelo escuro atrás das orelhas e mexendo na barra puída de sua *stola* amarelada.

Kassandra olhou da menina para o pão e então para o parapeito da janela, onde uma forma escura apareceu voando. Ikaros a encarou com aquela mesma expressão de esperança, os olhos arregalados, sua afeição direcionada à fatia de lebre salgada. *Nem comigo*, foi o que ela ouviu quando Ikaros guinchou.

Com um sorriso nada convincente, Cassandra se afastou da mesa, jogando a carne para Ikaros e o pão para Phoibe. Os dois se transformaram em pelicanos naquele instante, cada um devorando sua refeição escassa com deleite. Phoibe, uma órfã nascida em Atenas, tinha apenas doze anos. Cassandra a vira pela primeira vez pedindo esmola nas ruas perto de Sami três anos antes. Ela lhe deu algumas moedas naquele dia enquanto se dirigia à cidade. Na volta, ela pegou a pequena nos braços e a carregou para casa, alimentando-a e permitindo que dormisse no abrigo. Observá-la fazia Cassandra se lembrar do passado, de memórias distantes daquele calor aconchegante e delicado dentro dela, daquela chama interior que há muito havia sido apagada. *Não é amor*, ela garantiu a si mesma, *eu nunca serei tão fraca novamente*.

Ela suspirou e ficou de pé, pendurando seu arco no ombro e pegando um odre de couro.

— Venham, vamos comer enquanto caminhamos — disse, pegando as azeitonas e as colocando na boca. A carne macia e salgada e o óleo rico eram sedutores, despertando suas papilas gustativas, mas incapazes de saciar sua fome. — A não ser que queiramos que essa seja nossa última refeição, devemos visitar Markos. — *O canalha*, acrescentou ela internamente enquanto prendia os protetores de couro nos braços. — Está na hora de cobrar algumas dívidas.

* * *

Eles se dirigiram para o sul, seguindo uma trilha castigada pelo sol que acompanhava os despenhadeiros da costa, até dobrar em direção ao interior. O calor ficava mais intenso à medida que o meio-dia se aproximava, e eles cortaram caminho por um prado salpicado de violetas — o ar carregado com o aroma dos campos de orégano e limão selvagem. A grama alta batia em suas pernas, borboletas cruzavam seu caminho em lampejos de carmesim, âmbar e azul, cigarras cantavam no calor e, para todos eles, a guerra e o passado não poderiam estar mais distantes, até que a estrada chegou ao fim e eles avistaram Sami. A cidade portuária era um labirinto sem muros de barracos e casas simples pintadas de branco em volta de um conjunto elevado de casarões de mármore. Homens ricos conversavam e bebiam vinho nos terraços e varandas. Cavalos e trabalhadores de peito nu cobertos de suor davam duro nos becos estreitos e no mercado movimentado, transportando produtos agrícolas e troncos de pinheiro na direção do porto. Lá, embarcações de transporte lutavam por espaço no cais de pedra pálida de onde os materiais deviam ser enviados para os estaleiros e depósitos de suprimentos das forças militares atenienses. Sinos badalavam, chicotes estalavam, música de líras se erguia, assim como nuvens pálidas de fumaça dos templos. Cassandra só entrava na cidade quando precisava — para conseguir comida ou suprimentos que ela não podia obter de outras formas.

E para executar os trabalhos que Markos arranjava para ela.

Misthios, era como a chamavam. Mercenária. Às vezes levava mensagens, às vezes acompanhava carregamentos de mercadorias roubadas... com mais frequência, no entanto, fazia o que tão poucos conseguiam. Seu coração endurecia enquanto ela pensava sobre sua tarefa mais recente — em um covil próximo ao porto, onde um grupo de bandidos notórios estava escondido. A lança de Leônidas tinha sido manchada de vermelho naquela noite, e o ar ficara carregado com o fedor de vísceras dilaceradas. Cada matança era como uma semente espinhosa de culpa que fincava raízes em seu âmago... Mas nada do que ela tinha feito para Markos se comparava ao carvalho contorcido semeado naquela noite de sua juventude à beira do abismo e às duas mortes que tinham mudado sua vida para sempre.

Ela sacudiu a cabeça para evitar que as memórias a dominassem e pensou então em sua bolsa vazia. Markos tinha mais uma vez se esqui-

vado de pagá-la quando Cassandra retornou para relatar a ele sobre seus esforços bem-sucedidos no esconderijo junto ao porto. Quanto ele devia a ela agora? A mercenária sentiu os pelos em sua nuca se eriçarem. *Ele é um canalha, um cafajeste, um sujo...*

Outra lembrança veio cambaleando por seus pensamentos tortuosos — seus primeiros momentos nessa ilha verde, vinte anos antes. O dia em que Markos a encontrou na praia de pedra no norte da cidade, carregada para a terra firme ao lado de sua jangada quebrada. Ela se lembrava do rosto marcado e oleoso do homem e de seus cabelos pretos encaracolados e sebosos enquanto ele a observava.

— Você é um peixe esquisito — falara ele, com uma risada, batendo nas costas de Cassandra enquanto ela vomitava a água salgada que estava alojada em seus pulmões e seu estômago.

Ele a tinha alimentado por algum tempo, mas parecia ansioso para se livrar da garota... até que notou quão ágil e forte ela era.

— Quem em toda Hellas a treinou dessa forma? Eu poderia achar alguma utilidade para alguém como você — comentara.

Os pensamentos se esvaíram conforme deixavam Sami para trás. Phoibe saltitava na frente, olhando para Ikaros ao alto enquanto brincava com uma águia de brinquedo feita de madeira, produzindo sons estridentes. Quando eles chegaram a uma bifurcação na trilha, Phoibe desceu correndo pelo caminho mais à direita.

— Estamos quase lá — gorjeou ela por cima do ombro.

Kassandra observou o que estava mais adiante da menina, perplexa. Aquela rota levava ao Monte Ainos. Uma estátua imponente e desbotada pelo sol se erguia sobre aquelas montanhas rochosas: Zeus, o Deus do Céu, apoiado sobre um joelho, segurando um raio em sua mão erguida. O solo que rodeava as ladeiras mais baixas era enriquecido por minerais carregados pelas chuvas; vinhedos decoravam a base da montanha, cada um forrado de videiras verdes, depósitos de pedra prateada e pequenas casas de tijolos vermelhos.

— Pare de pular que nem uma cabra, Phoibe — gritou Cassandra para ela, apontando para a trilha mais à esquerda. — A casa de Markos é mais à frente. Perto da baía ao sul e...

Suas palavras se perderam quando ela viu Phoibe seguir acelerada até o vinhedo mais próximo. A propriedade sempre estivera ali, mas o sujeito vestindo um manto verde e branco, junto aos produtos colhidos, não.

— Markos? — sussurrou ela.

— Ele me pediu para não contar para você — informou Phoibe quando Kassandra a alcançou na beira do vinhedo.

— Tenho certeza de que pediu — resmungou Kassandra. — Fique aqui.

Ela passou sorrateiramente por dois trabalhadores podando as plantas no terraço mais baixo. Eles nem perceberam sua aproximação, ou a de Phoibe — bem atrás dela, desobediente como sempre. Enquanto se embrenhava pelas videiras, ouviu Markos brigando com um trabalhador que claramente o conhecia bem.

— Nós — começou ele, fazendo uma pausa para reprimir um soluço —, nós vamos cultivar uvas do tamanho de melões — insistiu, antes de jogar a cabeça para trás e beber um longo gole do que evidentemente era um odre de vinho quase sem nenhuma água.

— O senhor vai matar a videira, Mestre Markos — argumentou o trabalhador, empurrando seu chapéu de sol de aba larga para trás. — Não podemos permitir que o fruto cresça esse ano ou no próximo, ou os talos vão acabar se curvando e partindo. O terceiro ano será o momento para a colheita.

— Anos? — balbuciou Markos. — Como, por Hades, vou conseguir pagar... — Ele se calou quando Kassandra emergiu das videiras. — Ah, Kassandra.

Markos sorriu, abrindo os braços efusivamente, quase atingindo o trabalhador bem-intencionado.

— Você comprou um vinhedo, Markos?

— Apenas os melhores vinhos para nós de agora em diante, minha menina — sussurrou ele, girando para apontar para tudo à sua volta e quase perdendo o equilíbrio.

Phoibe, que sumia e reaparecia entre as videiras próximas, soltou uma risada e então partiu mais uma vez atrás de Ikaros. O pássaro começou a guinchar, agitado, mas a mente de Kassandra estava presa em outros assuntos.

— Não quero suas uvas ou seu vinho, Markos — insistiu Cassandra. — Phoibe e eu precisamos de comida, vestes, roupas de cama. Eu quero as dracmas que você me deve.

Markos se encolheu um pouco então, mexendo na abertura do seu odre de vinho.

— Ah, a *misthios* de sempre. — Ele riu de forma nervosa. — Bem, entenda, haverá um curto atraso na entrega dessas moedas para você.

— Curto como três anos, ao que parece — respondeu Cassandra, seca.

Ela levantou os olhos para Ikaros, que voava em círculos, agora guinchando desesperadamente. Uma sensação de crescente inquietação a perturbava: a águia não costumava ficar tão agitada quando brincava com Phoibe.

— Quando as uvas se transformarem em vinho — disse Markos, interrompendo seus pensamentos —, eu terei dinheiro em abundância, minha cara. Primeiro, preciso garantir que pagarei meu empréstimo para comprar esse lugar. Eu estou, hum, levemente atrasado em minhas parcelas, entende?

— Bastante atrasado — disse o trabalhador próximo distraidamente, enquanto voltava a cortar e amarrar videiras. — E o Ciclope não gosta de pagamentos atrasados.

Markos disparou um olhar furioso de repreensão contra as costas do homem.

— Você pegou dinheiro emprestado com o Ciclope? — Cassandra arfou, se afastando de Markos como se ele estivesse infectado com uma doença. — Isso — ela apontou para tudo ao redor deles — foi financiado por *ele*? Você arranjou um pesadelo para si mesmo, Markos. Você é louco? — Ela olhou à sua volta para as encostas cintilantes em verde e dourado do Monte Ainos, preocupada com a distância que sua voz podia ter percorrido. — Os homens do Ciclope saquearam os meus suprimentos ontem à noite. Ele já me odeia. Ele matou muitos homens nessa ilha e colocou a minha cabeça a prêmio. O Ciclope sabe que você e eu trabalhamos juntos. Se atrasar seus pagamentos para ele, então eu serei a primeira a sofrer.

— Não exatamente — disse uma voz rouca, atrás dos dois.

Kassandra se voltou para a floresta de videiras. Havia dois desconhecidos parados ali, com um grande sorriso no rosto. Um deles, cuja cara

mais parecia uma pera amassada, segurava uma Phoibe paralisada de medo, tampando sua boca com uma das mãos e, com a outra, mantendo uma adaga encostada em sua garganta. Cassandra agora reconhecia a dupla: os mesmos que tinham roubado seu poço de mantimentos na noite anterior. *Ikaros, por que não dei ouvidos a você?*, ela se repreendeu, percebendo que a águia ainda estava circulando, guinchando alarmada.

— Tente qualquer gracinha e a garganta da menina já era — falou o segundo homem, batendo com uma espada curta contra a palma da mão livre, sua testa se projetando como um penhasco, mantendo seus olhos na sombra. — Markos acumulou uma dívida bem grande, mas você também, *misthios*: você afundou um dos barcos do meu mestre, matou um comboio dos seus homens... amigos meus. Então o que você acha de vir conosco, hein? Resolver esses assuntos do jeito que o meu mestre achar melhor?

Kassandra sentiu o sangue congelar em suas veias. Ela sabia que ir com eles significaria a morte para ela e, na melhor das hipóteses, escravidão para Phoibe. Mas resistir poderia significar a morte para todos eles ali mesmo.

Um momento tenso se passou e Cassandra não se moveu.

— Parece que a *misthios* não está disposta a vir por bem — grunhiu o homem da testa protuberante. — Vamos mostrar a ela que estamos falando sério.

O coração de Cassandra congelou. *Observe o seu oponente*, sussurrou Nikolaos das brumas do passado. *Seus olhos entregarão suas intenções antes de eles ao menos se moverem.*

Ela viu o brutamontes que segurava Phoibe olhar na direção da menina e as articulações da mão que segurava a adaga ficarem brancas. Tudo aconteceu em um único reflexo visceral: Cassandra saltou para a frente, simultaneamente soltando e levantando a lança de seu cinturão pela corda amarrada a ela, usando-a como um chicote. A parte achatada da ponta da velha lança atingiu a têmpora do brutamontes com força. Os olhos do homem giraram em suas cavidades, sangue escorreu de suas narinas e ele desabou como uma pilha de tijolos que perdeu o apoio. Phoibe se afastou com dificuldade, chorando. Cassandra puxou a corda da lança, segurando a arma por sua haste dessa vez, manejando-a como um verdadeiro hoplita faria.

O homem da testa protuberante a encarou, titubeante, simulando um movimento para a esquerda e então atacando pela direita com um rugido. Kassandra apoiou todo o seu peso em um dos pés e deixou o adversário passar direto. Quando ele derrapou e voltou em sua direção, a merce-nária ficou de cócoras e rasgou a barriga do homem com sua lança. Ele deu alguns passos cambaleantes, em seguida olhou para baixo, confuso, enquanto uma massa retorcida de tripas azul-acinzentadas escorria e se esparramava sobre o chão de terra. Ele olhou para a cavidade que restava em sua barriga com um sorriso confuso, então para Markos e Kassandra, antes de cair com o rosto no chão.

— Pelas bolas de Zeus — berrou Markos, passando as mãos por seus cachos oleosos e caindo sobre os joelhos enquanto olhava fixamente para os dois cadáveres. — O Ciclope vai me matar com toda certeza agora.

Phoibe estava chorando, e Kassandra a abraçou com força, beijou o topo de sua cabeça e colocou as mãos sobre os ouvidos da menina para protegê-la da discussão.

— Nós vamos enterrar os corpos. Ninguém vai saber o que aconteceu com eles.

— Mas ele vai descobrir — resmungou Markos. — Você precisa aprender: hoje você pode cortar as duas cabeças da besta, mas amanhã quatro outras vão surgir para tomar o lugar delas. E a ira do Ciclope será triplicada. Como com qualquer tirano, você deve obedecer a suas ordens plenamente... ou então destruí-lo. Você não entende? — Ele fez um movimento desdenhoso com a mão. — Não sou um tutor. Talvez um dia você encontre alguém melhor.

— E talvez você devesse guardar esse odre de vinho e deixar sua mente desanuviar. Você precisa encontrar uma forma de devolver o dinheiro do Ciclope.

Os olhos arregalados de Markos vasculharam o éter diante dele, seu rosto gradualmente murchando com o desespero. Então, como se atingido por um raio invisível, o homem deu um solavanco, se ergueu e se aproximou em passadas pesadas para segurar Kassandra pelos ombros e sacudi-la:

— É isso, existe um jeito.

— Um jeito de ganhar um saco de moedas de prata nessa ilha? Duvídeo. — Kassandra o afastou.

Os olhos de Markos se estreitaram.

— Prata não, minha cara. Obsidiana.

Kassandra o encarou, sem expressão.

— Pense. O que o Ciclope mais valoriza? Seus homens, sua terra, seus barcos? Não. Seu olho de obsidiana. — Ele apontou enlouquecidamente para um de seus próprios olhos. — Ele inclusive o decorou com veios de ouro. Nós roubamos o olho, então o vendemos... em algum lugar no continente, talvez, ou para comerciantes que estejam de passagem. *E aí* conseguiremos nossos sacos cheios de moedas de prata. O suficiente para pagar pelo meu vinhedo, o suficiente para pagar o que devo a você. Para alimentar Phoibe — uivou ele, encantado por ter finalmente encontrado um raciocínio altruísta.

— *Nós* roubamos o olho do Ciclope?

— Ele nunca o usa. É valioso demais. Ele o deixa em casa.

— A casa dele é como um forte — retrucou Kassandra de forma seca, pensando no covil muito bem vigiado em uma pequena península que brotava do oeste da ilha. — Skamandrios foi a última pessoa a tentar invadir o local. Ele nunca mais foi visto desde então.

Os dois pararam para refletir sobre o *misthios* com cara de fuinha, Skamandrios, pensando nas centenas de castigos que ele pode ter sofrido. Queimar, esfolar e desmembrar gradualmente eram alguns dos métodos favoritos do Ciclope para executar seus inimigos. Skamandrios não era exatamente uma grande perda para a sociedade, mas ele se orgulhava de sua furtividade e rapidez. A Sombra, como alguns o chamavam.

Kassandra sacudiu a cabeça para limpar a mente.

— Mas voltando ao assunto... *nós* roubamos o olho?

Markos se curvou um pouco e deu de ombros de um jeito um tanto patético.

— Você é a *misthios*, minha cara. Eu só a atrapalharia. Para essa tarefa é vital, *vital*, que você não seja descoberta.

— Estou mais preocupada com a possibilidade de ser capturada — respondeu Kassandra.

— Ele não vai pegar você, o Ciclope não está no covil. — Markos balançou um dedo. — Como você sabe, quase todas as galés privadas dessa ilha foram convocadas a se juntar à frota ateniense. A *Adrestia* é uma das

únicas que restaram. O Ciclope saiu para caçar, e aquela galé é a presa. Ele guarda algum rancor do *triarchos* do barco, ouvi dizer.

Phoibe se desvencilhou de Cassandra.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Nada, minha jovem menina — respondeu Markos depressa. — Cassandra e eu estávamos apenas discutindo quanto dinheiro eu devo a ela. Ela tem só um último trabalho para fazer para mim, então receberá tudo. Não é isso, minha cara? — perguntou ele a Cassandra.

— Então poderemos comer como rainhas todas as noites? — indagou Phoibe.

— Sim — respondeu Cassandra em voz baixa, passando a mão pelo cabelo da garota.

— Excelente — sussurrou Markos. — Vocês ficarão aqui esta noite e desfrutarão de uma refeição completa: tainha frita, polvo, pães recém-saídos do forno, iogurte, mel, pistache e várias crateras de vinho. E depois terão uma cama confortável e um bom descanso. Amanhã você pode seguir seu caminho. — Então ele cochichou para que Phoibe não ouvisse: — E lembre-se de que você não deve ser vista, ou nós três vamos...

Ele passou um dedo sobre a garganta e deixou a língua cair para fora da boca.

Kassandra se recusou a deixar Markos fugir de seu olhar azedo.